

RUDOLFO LAGO/CORREIO DA MANHÃ



Zema está a 30 pontos de Flávio Bolsonaro

Terceira via tem metade dos votos de Flávio Bolsonaro

A experiência brasileira desde a redemocratização demonstra que não se deve dar como favas contadas pesquisas faltando mais de três meses para a eleição. Em julho de 2018, por exemplo, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) tinha 33% das intenções de voto numa pesquisa do Ibope. Jair Bolsonaro (então no PSL) tinha 15%. Lula acabou preso e não disputou as eleições, que foram vencidas por Bolsonaro. Agora, pesquisa BTG/Nexus divulgada nesta segunda-feira (27) mostrou Lula com 42% no cenário estimulado de primeiro turno. Seu principal adversário, Flávio Bolsonaro (PL), tem 33%. A experiência mostra que muita água pode rolar por debaixo da ponte daqui até outubro. Mas a mesma pesquisa BTG/Nexus traz indicações que uma reversão do atual quadro de polarização entre Lula e Flávio vai ficando cada vez mais difícil. Eles estão muito à frente dos demais candidatos.

Somados, todos os demais têm somente 17%

A pesquisa até mostra movimentos entre os candidatos, mas em um ritmo muito pequeno. Que até podem não ter acontecido mesmo, se levada em conta a margem de erro. Lula subiu dois pontos, passando de 40% na rodada de 13 de julho para 42%. Mas voltou para o mesmo percentual que tinha na rodada de 29 de junho. Flávio caiu de 34% para 33%. Mas é o mesmo percentual que tinha na rodada de 15 de junho. Outras pesquisas mostram os dois líderes em percentuais parecidos.

PAULO PINTO/AGÊNCIA BRASIL



Lula precisaria de mais oito pontos para primeiro turno

Flávio cai, Lula sobe, mas em ritmo pequeno

Há possibilidade de esses movimentos de ascensão de Lula e de decréscimo de Flávio levarem a eleição a ser decidida no primeiro turno? Bem, Lula estaria a oito pontos percentuais dessa possibilidade. Flávio e os demais candidatos hoje somam 50%. Para Lula vencer no primeiro turno, ele precisaria ter a soma dos votos dos demais candidatos, descontados os votos nulos, em branco e as abstenções. Na BTG/Nexus, eles hoje somam exatamente 8%. A hipótese tem, porém, um problema: a pesquisa aponta alta certeza dos votos.

73% dizem já ter decidido seu voto

Segundo a BTG/Nexus, 73% dos entrevistados dizem já ter decidido o seu voto, e afirmam que não irão mudar. Esse percentual aumentou três pontos com relação à rodada anterior, mas já foi maior em 29 de junho: 74%. Em contrapartida, o percentual de quem admite poder mudar de voto caiu quatro pontos, de 29% para 25%. Voltou também ao patamar de 29 de junho.

Pró e contra

Para Marcelo Tokarski, CEO do Nexus, instituto responsável pela pesquisa, o cenário vai apontando mesmo para uma eleição polarizada, na qual a rejeição será o fator decisivo. Como, aliás, já acontecera em 2022 e também em 2018. “A eleição vai se consolidando cada vez mais em ser pró e anti-Lula”, observa Tokarski.

2o turno

“Prova disso é que todos os demais candidatos mostram competitividade num eventual segundo turno contra Lula”, observa Marcelo Tokarski. Contra Flávio, Lula tem 47% e ele 43%. Flávio caiu um ponto. Contra Zema, 46% a 42% (Lula caiu um ponto e Zema subiu um). Contra Caiado, 45% a 43% (Lula caiu dois pontos, Caiado subiu cinco).

Rejeição

A própria leitura do percentual de rejeição das candidaturas será fator decisivo. Os dois nomes que despontam com larga vantagem têm, ambos, rejeição bem alta. Mas a rejeição de Flávio Bolsonaro é ainda mais alta que a de Lula. O percentual daqueles que dizem que não votariam em Lula é 48%. A rejeição de Flávio é de 50%.

Para onde irão?

Para onde irão, então, os eleitores dos demais candidatos? Se o raciocínio ideológico fosse preciso, a conclusão seria que a maioria desses votos iria para Flávio, uma vez que a maioria dos demais candidatos também têm perfil mais à direita. Mas não é bem assim que o raciocínio do eleitor se movimenta. Se fosse, não haveria alternância.

Indecisos

As eleições presidenciais movimentam-se, assim, na busca dos eleitores ainda indecisos que, a julgar pela pesquisa BTG/Nexus são hoje poucos. Mas ainda com potencial de determinar o resultado, como vimos. As convenções realizadas até agora mostram estratégias diferentes dos candidatos e partidos para conquistá-los.

“Sistema”

O PL apostou no discurso “antissistema”. O PSD no discurso do “sistema”: é “tranquilidade e previsibilidade”. Romeu Zema do Novo foi nesta segunda em linha parecida à do PL: o cidadão até então fora da política que se move por indignação. Curioso é Lula hoje ser o “sistema”. Na oposição e para sua militância ainda, ele é contra.



Javier Milei discursou na convenção do PL

Ataques de Milei em convenção ampliam tensão diplomática

Situação leva campanha de Flávio ao cenário internacional

Por **Beatriz Matos**

O discurso do presidente da Argentina, Javier Milei, durante a convenção nacional do PL, no último sábado (25), extrapolou os limites do ato partidário que oficializou a candidatura do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) à Presidência da República.

As críticas dirigidas ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e ao ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes desencadearam uma reação do governo brasileiro, mobilizaram o Itamaraty e ampliaram a dimensão internacional da disputa presidencial antes mesmo do início oficial da campanha eleitoral.

Durante o evento, Milei declarou apoio explícito à candidatura de Flávio, atacou o governo brasileiro, classificou Lula como responsável pelo avanço do socialismo na América Latina e ofendeu Alexandre de Moraes.

O episódio rapidamente ultrapassou o ambiente político e passou a repercutir também no campo diplomático.

No domingo (26), o ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, recebeu o embaixador da Argentina no Brasil, Daniel Raimondi, para manifestar a insatisfação do

governo brasileiro com as declarações.

Também se reuniu com o embaixador do Brasil em Buenos Aires, Júlio Bitelli, para avaliar os impactos do episódio na relação bilateral. De acordo com interlocutores do governo, os dois voltarão a conversar após o retorno de Vieira da viagem oficial ao Peru.

As declarações também provocaram manifestações de outras autoridades.

O presidente do STF, ministro Edson Fachin, afirmou que os ataques representam uma referência desrespeitosa a um integrante da Suprema Corte brasileira e classificou as falas como incompatíveis com a civilidade esperada nas relações entre Estados.

Já nesta segunda-feira (27), Lula evitou ampliar a polêmica. Ao ser questionado por jornalistas sobre Milei durante agenda no Palácio Itamaraty, respondeu com ironia: “Quem é esse cara?”.

Na mesma linha, o ministro da Fazenda, Dario Durigan, afirmou que a economia brasileira apresenta desempenho superior ao da Argentina e chamou o presidente argentino de “palhaço”, ao comentar o episódio em entrevista à Rádio Jornal, de Pernambuco.